

**DESIGUALDADES ÉTNICO-RACIAIS E SOCIAIS,
EMPREENDEDORISMO NEGRO E AFROEMPREENDEDORISMO
NO BRASIL**

***ETHNIC-RACIAL AND SOCIAL INEQUALITIES,
ENTREPRENEURSHIP AND BLACK ENTREPRENEURSHIP IN BRAZIL***

Ana Paula Rodrigues Arciprete

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Enfermagem em Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP)

anapra@usp.br

 *orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0353-4820>*

Tatiane Marçal Silva Cardoso

Graduada em Enfermagem pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP) e Administração pelo Centro Universitário Moura Lacerda.

tatimscardoso@gmail.com

 *orcid: <https://orcid.org/0009-0002-6813-987X>*

Sérgio Luiz de Souza

Doutor em Sociologia. Professor Adjunto do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

srgioluz@gmail.com

 *orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8641-528X>*

Juliana Cristina dos Santos Monteiro

Doutora em Enfermagem em Saúde Pública. Professora Associada do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP).

jumonte@eerp.usp.br

 *orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6470-673X>*

DOI: <https://doi.org/10.36942/reni.v10i1.993>

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo refletir sobre a dinâmica do empreendedorismo realizado pelas populações negras e do afroempreendedorismo no Brasil. Trata-se de uma reflexão teórica resultante da problematização do tema, construída a partir da leitura aprofundada e conceituação crítica de literatura científica nacional e internacional. Como resultados, foram identificados três eixos de discussão: “Reflexões sobre as condições constitutivas do empreendedorismo no Brasil”, “Desigualdades étnico-raciais e sociais no empreendedorismo brasileiro” e “O afroempreendedorismo no contexto brasileiro”. Apesar de já estabelecidos no cotidiano brasileiro, evidencia-se a necessidade de maior aprofundamento na compreensão sobre impacto do empreendedorismo negro e afroempreendedorismo na redução de desigualdades.

Palavras-chave: Relações Étnico-Raciais; Empreendedorismo; Afroempreendedorismo

ABSTRACT

This article aims to reflect on the dynamics of black entrepreneurship and Afro-entrepreneurship in Brazil. It is a theoretical reflection resulting from the problematization of the subject, built on in-depth reading and critical conceptualization of national and international scientific literature. As a result, three axes of discussion were identified: "Reflections on the constitutive conditions of entrepreneurship in Brazil", "Ethnic-racial and social inequalities in Brazilian entrepreneurship" and "Afro-entrepreneurship in the Brazilian context". Although already established in Brazilian daily life, there is a need for greater depth in understanding the impact of black entrepreneurship and Afro-entrepreneurship on reducing inequalities.

Keywords: Ethnic Racial Questions; Entrepreneurship; Black Entrepreneurship.

JEL Classification: L26 – Entrepreneurship.

1. INTRODUÇÃO

A população brasileira estimada é de mais de 215 milhões de pessoas, formada por aproximadamente 69% de pessoas entre 15 e 64 anos, sendo a maioria de mulheres (51,14%) (IBGE, 2023b) e de pretos ou pardos (53,92%) (IBGE, 2020).

No último trimestre, de novembro de 2022 a janeiro de 2023, considerando a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD Contínua), o percentual de desempregados alcançou o índice de 8,4% (IBGE, 2023a). No referente à precarização, já em 2018 e em ritmo crescente, foram 38 milhões de trabalhadores (41% da força de trabalho nacional) precarizados, sendo que desse contingente, 80% é composto por trabalhadores sem carteira assinada e trabalhadores autônomos sem CNPJ e não contribuintes da previdência social (IBGE, 2018a).

Nesse contexto, situamos a afirmação de que “o povo brasileiro é empreendedor” de Zen e Fracasso (2008), ao discutirem a revolução tecnológica e flexibilização do trabalho nas últimas décadas.

Em diálogo com esta contextualização, compreendemos ser emergente a necessidade de estudos específicos sobre empreendedorismo negro e afroempreendedorismo, já configuradas como formas abrangentes e estabelecidas no cenário nacional, para promover o desenvolvimento, reduzir desigualdades e fomentar aspectos econômicos e culturais dessa população. Nesse sentido, o estudo será fundamentado nas definições de empreendedorismo atuais.

Em um cenário mais amplo, o empreendedorismo consiste em um movimento que busca mudanças importantes para o coletivo, quando há desafios e problemas a serem solucionados e esse potencial de modificações pode impactar a sociedade, seus hábitos e a regularidade dos negócios (SEBRAE, 2021).

As iniciativas empreendedoras são fundamentais para construir maior resiliência e melhora geral na qualidade de vida dos diferentes segmentos populacionais, através de inovação e desenvolvimento de economias locais mais fortes, marcadas pela promoção de relações econômicas fundamentadas na sustentabilidade socioambiental (BARROS et al., 2005).

Os empreendedores autodeclarados negros, independentemente do serviço que ofereçam ou do produto ofertado, são classificados como os que exercem o empreendedorismo negro (NASCIMENTO, 2018; IBPQ, 2018 e SEBRAE, 2015).

Nesta órbita, o afroempreendedorismo é definido como a prática de empreendedores negros que tem no seu escopo de serviços e produtos aspectos fundamentalmente ligados ao que pode ser identificado como afro-brasileiros ou de raízes africanas, com foco em clientes negros (NASCIMENTO, 2018).

Os fundamentos etimológicos da palavra empreendedor surgem do francês *entrepreneur*, que é adotado no inglês com a mesma grafia, e têm suas origens no século XIV. Essa origem é associada às características do viajante e comerciante europeu Marco Polo como “intermediário”, como aquele que assume os riscos do seu “negócio” ao adquirir as mercadorias comercializadas por contratos no universo geográfico asiático, o denominado Oriente, sem garantias (HISRICH et al., 2014). Atualmente o termo pode ser usado tanto para caracterizar aquele que visa lucro econômico por ações individuais, quanto para caracterizar ações coletivas que visam diminuir as desigualdades sociais (ZEN; FRACASSO, 2008).

Aquele indivíduo ou grupo que possui a chamada atitude empreendedora, pode ser associado à *entrepreneur* de “*criar um negócio, de inovar e de agregar valor a empreendimentos, processos e produtos em organizações*” (SOUZA et al., 2013).

O empreendedorismo pode ser uma oportunidade de maior flexibilidade e autonomia no trabalho, com a possibilidade de associar valores e crenças nessa dimensão, buscando qualidade de vida (BEYDA; CASADO, 2011). Pode ser ainda uma alternativa em um contexto de crescimento do desemprego e na redução de desigualdades sociais, como “*uma opção para muitos brasileiros, independente de classe social, sexo ou idade*” o que Barros (2005) afirmou em décadas passadas, mas que podemos extrapolar para refletir sobre o contexto econômico atual.

Nesse sentido, a carência de estudos sobre empreendedorismo negro e afroempreendedorismo no Brasil reflete o racismo e o negligenciamento de questões fundamentais para o desenvolvimento do país. No mesmo sentido, maturar discussões neste campo pode colaborar para definir novos rumos às pesquisas em empreendedorismo, com ampliação de oportunidades para construção de conhecimento em um âmbito teórico e socialmente promissor e ainda pouco explorado.

Com base no exposto, esse artigo tem como objetivo refletir sobre a dinâmica do empreendedorismo realizado pelas populações negras e do afroempreendedorismo no Brasil.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma reflexão teórica resultante da problematização do tema, idealizada, inicialmente, enquanto fruto das discussões realizadas em uma disciplina de pós-graduação denominada “Relações Étnico Raciais, Educação e Dinâmica Social no Brasil” na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, cursada pela autora principal do artigo no segundo semestre de 2019.

A construção do presente material se deu a partir da leitura e conceituação crítica de literatura científica nacional e internacional, indicada na disciplina e outros estudos considerados clássicos para a compreensão do tema proposto. Após a realização da leitura e análise aprofundada do material, foram identificados três eixos a apresentados a seguir de forma dialógica: “Reflexões sobre as condições constitutivas do empreendedorismo no Brasil”, “Desigualdades étnico-raciais e sociais no empreendedorismo brasileiro” e “O afroempreendedorismo no contexto brasileiro”

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Reflexões sobre as condições constitutivas do empreendedorismo no Brasil

Considerando a afirmação de que “o povo brasileiro é empreendedor” (ZEN; FRACASSO, 2008) é possível analisar dois aspectos complementares entre si nessa afirmação: por um lado, funda a possibilidade de se compreender a real evolução histórica desse conceito e, por outro, permite que se abram novos questionamentos para que se possa compreender o empreendedorismo no Brasil: quem é o “povo brasileiro”? A busca de oportunidades e melhoria da qualidade de vida são características intrínsecas desse “povo”?

No Brasil, a taxa de empreendedores, considerando os indivíduos que possuem ou estão criando um negócio, em 2017 atingiu 36,4% da população total, sendo de 38,8% no grupo de cor preta e 32,9% no grupo de cor branca (IBPQ, 2018).

Segundo Colbari (2015) “o empreendedorismo individual aparece no discurso de autoridades e de formadores de opinião como um importante instrumento de inclusão produtiva e de desenvolvimento social”. No entanto, considerando a escravidão no Brasil como uma profunda marca histórica, não é possível considerar apenas ações individuais como possibilidades de promover a diminuição das desigualdades no país, sem pensar em políticas públicas eficientes (IBGE, 2018b). Deve-se considerar que a escravidão legou bases sociais e formas culturais nocivas, inclusive, o racismo e suas resultantes sociais são fatores determinantes nas dinâmicas de mercado e, da degradante mercantilização das vidas negras e das relações sociais no Brasil.

Em análise da Pesquisa Nacional de Domicílios entre 2002 e 2012, feita pelo SEBRAE (2015), foi identificado um aumento de 29% do número de empreendedores que se autodeclararam pretos e pardos, entre 2001 e 2011. Nascimento (2018) afirma que esse crescimento:

...deixa pistas para uma análise mais profunda sobre as questões étnico-raciais no campo do trabalho e nas oportunidades de empreender, além de chamar atenção para as condições do mercado de trabalho brasileiro e as implicações do incentivo ao empreendedorismo (NASCIMENTO, 2018, p.2).

A primeira década do século XXI foi emoldurada por um crescimento das relações formais de trabalho e forte ampliação de acesso ao crédito para populações menos favorecidas economicamente e contingentes negros da sociedade brasileira, podendo-se situar este ciclo de multiplicação de empreendedores como um ciclo. Nesta direção, podemos realçar as ações de empreendimento enquanto dinâmica virtuosa, em um contexto de um campo de possibilidades com maior autonomia para os diferentes segmentos populacionais, inclusive as populações negras.

3.1 Desigualdades étnico-raciais e sociais no empreendedorismo brasileiro

Considerando raça para além da fundamentação biológica, como uma construção social que sofre alterações durante o tempo, com fundamentação humana e impactos e manifestações reais, o conceito de branquidade vem explicar como ocorre

a interação entre as classes mais favorecidas economicamente e os estratos economicamente inferiores, que podem ser populações de pele de cor clara de diferentes etnias ou brancos pobres (RACHLEFF, 2004). Segundo o autor, que desenvolveu estudos de raça e classe nos Estados Unidos, o segmento de classe formado por operários brancos, na nova organização do trabalho pós-revolução industrial, podia descontar suas frustrações ou usufruir das benesses de ainda serem “superiores” aos negros de fato (RACHLEFF, 2004).

No Brasil, para além do bordão “aqui ninguém é branco”, tratado em livro homônimo de Ware Sovik (2004), o contexto da branquidade foi estabelecido. A questão censitária quando a autodeclaração de raça/cor sofre alterações de acordo com o local de inquérito e ao longo do tempo, são indicadores de que a classificação racial no país é um elemento que carece de aprofundamento para compreensão das dinâmicas envolvidas (WARE SOVIK, 2004).

Segundo a pesquisa *“Discutindo o afroempreendedorismo: reflexões sobre o conceito a partir dos casos brasileiro e colombiano”*, para que possamos entender as relações humanas, sistema econômico e político, faz-se necessário compreendermos como se deu às relações étnico-raciais na linha do tempo, a evolução e as formas atuais que se apresentam (AMARTINE; QUEIROZ, 2022). Nesse contexto do afroempreendedorismo, simultaneamente há impasses no âmbito jurídico desde a falta de conhecimento ao desamparo que impede maiores avanços (AMARTINE; QUEIROZ, 2022).

A questão de trazer à tona as características e dinâmicas socioculturais e econômicas que caracterizam a população negra no Brasil, na ótica da branquidade, é importante para compreender como essas questões que marcam profundamente essas dinâmicas foram e são negligenciadas (WARE SOVIK, 2004).

O aumento em 29%, no período entre 2001 e 2011 (SEBRAE, 2015), dos empreendedores negros pode, por exemplo, indicar que a população negra empreendeu mais, porém, pode também ser um reflexo da alteração na questão de raça/cor autorreferida, ou seja, para além da questão censitária, traz um viés histórico e social que remete ao passado e incita os desafios que se estabelecem no presente e para o futuro (ALENCASTRO, 2010).

Apesar da afirmação de que a participação dos negros no mercado de trabalho é um tema já bastante estudado (CAMPOS, 2018), evidenciando a identificação das discriminações que ocorrem, essa participação não é reconhecida no campo da pesquisa do empreendedorismo negro e tampouco do afroempreendedorismo. Apesar da participação extremamente significativa no mercado, a participação do negro no empreendedorismo é objeto das transformações das relações de trabalho das últimas décadas, ainda pouco exploradas, pesquisadas e compreendidas (SIMÃO, 2017; CAMPOS, 2018; NASCIMENTO, 2018).

Um ponto marcante do relatório da pesquisa que o Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade (IBQP) faz anualmente, com o apoio do SEBRAE, como parte da *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM), é o levantamento dos sonhos e aspirações dos empreendedores. Nesse levantamento, foi identificado que as maiores aspirações dos participantes foram comprar uma casa, um automóvel e viajar pelo Brasil; porém, os empreendedores negros apresentam maiores aspirações em todos os itens investigados, o que pode ser reflexo de que têm menos acesso a eles no geral (IBPQ, 2018).

Os empreendedores negros têm escolaridade menor do que a dos brancos, estando majoritariamente nos primeiros dois níveis de escolaridade e 52% destes tem renda mensal de menos de 2 salários mínimos, situação que entre os brancos representa 26% (IBPQ, 2018). Esse indicador pode justificar o fato de que os tipos de negócios e produtos com que os negros trabalham estão distribuídos em um menor número de segmentos de atividades que os dos empreendedores brancos; esses últimos possuem uma maior rede de contatos, identificam mais oportunidades de empreender e procuram mais os órgãos de apoio e fomento (IBPQ, 2018).

A promoção do empreendedorismo como geração de renda, em detrimento da geração de empregos, pode ser considerada um incentivo para o trabalho informal (LEMOS, 2015). Nesta direção, a criação da categoria de Microempreendedor Individual, no contexto da legislação brasileira, pode ser considerada uma simplificação para o acesso à formalização (COLBARI, 2015). No contexto das modificações das relações de trabalho, segmentos historicamente considerados informais são formalizados em detrimento da geração de novos empregos com a valorização do auto emprego (COLBARI, 2015).

Considerando as relações de trabalho no contexto de vida das populações com impacto direto no bem-estar e na saúde, no contexto atual emerge a necessidade de políticas sociais para evitar o aumento das desigualdades como resultado da organização do trabalho (BARROS et al., 2005). Neste sentido, a partir dos apontamentos críticos colocados nesta discussão, podemos atentar para o afroempreendedorismo enquanto complexo econômico, político e cultural evidenciando-o em sua dimensão cultural, em seu aspecto simbólico de mediação dos sujeitos e campo de muitas possibilidades, inclusive políticas, econômicas e sociais (GUSMÃO, 1999).

3.2 O afroempreendedorismo no contexto brasileiro

Entendemos como necessário compreender o afroempreendedorismo *como estratégia de enfrentamento à vulnerabilidade econômica e social da população negra, o segmento social mais afetado pelas transformações do mercado de trabalho* (NASCIMENTO, 2018, p.1).

Em diálogo com esse apontamento e considerando o contexto socioeconômico brasileiro, o afroempreendedorismo surge como importante ação de empoderamento e resiliência.

A representatividade, mobilidade socioeconômica e realização profissional são temas interligados. A partir da representatividade de mais afroempreendedores, abre-se um leque de possibilidades para outros negros, que vendo outros iguais se identificam, e enxergam a mesma possibilidade de sucesso. Atrelado a isso, o afroempreendedor tende a quebrar a barreira do racismo e contratar, realizar parcerias e afins com outros negros e negras que promove automaticamente uma mobilidade socioeconômica que mesmo que mínima, mostra um horizonte em que é possível uma ascensão futura ao negro às camadas mais favorecidas economicamente (CAMPOS, 2018, p.24).

Tendo em vista os processos históricos que envolvem as relações étnico-raciais e de classe no Brasil, o afroempreendedorismo apresenta elementos importantes para a compreensão das conexões entre territorialidades segregadas, resistência social e as formas de inovação realizadas pelas populações negras. Refletindo sobre os territórios e as espacialidades, evidencia-se que esses são definidos como fronteiras simbólicas, construídas e reformuladas ao longo do tempo, em diálogo com disputas étnico-raciais e de classe. Essas disputas definem onde determinadas populações se estabelecem e

quais relações podem ou não se estabelecer, a exemplo das de habitação e de comércio (SOUZA, 2007). Em espaços segregados, onde as populações negras se estabeleceram na sociedade brasileira em condições desfavoráveis devido às convenções sociais e legislações racistas, essas populações sempre reinterpretaram e reinventaram sua realidade, com base na construção constante de formas culturais, políticas e econômicas próprias e autônomas (SOUZA, 2007).

Em estudo sobre o contexto norte americano, Fesselmeyer e Ying (2017) afirmam que as cidades, em sua constituição espacial, refletem o racismo, em uma dinâmica denominada segregação residencial, com consequências diversas sobre o empreendedorismo negro. Com vistas à capacidade de resistência e inovação das populações negras, os autores percebem a segregação espacial transformada em condição social, política e econômica de possibilidades. Percebem a resistência e capacidade de superação dos negros, com a maior probabilidade de os indivíduos negros serem autônomos, constituindo empresas negras nesses locais direcionadas especificamente à clientela negra (FESSELMEYER; YING, 2017).

Exemplo dessa constatação, em nosso contexto, é a Feira Preta, hoje a maior feira afroempreendedora da América Latina. Essa Feira iniciou suas atividades em 2002, na praça Benedito Calixto, em São Paulo, e hoje tem um impacto estimado de 4 milhões de reais. Em sua edição de 2022 contou com 260 empreendedores do Brasil e da América Latina, gerando 500 postos de trabalho e 6 milhões de reais de circulação monetária, com um público de 40 mil participantes que ocorreu entre os dias 5 de novembro a 4 de dezembro de 2023 no Memorial da América Latina na cidade de São Paulo-SP (FESTIVAL FEIRA PRETA, 2023). Em 21 anos de existência, a Feira contabilizou um impacto total de 240 mil participantes, 12,5 milhões de reais em circulação. Com um aumento expressivo de circulação monetária, nota-se que os impactos das iniciativas dos grupos e instituições envolvidas sugerem que ainda há muito espaço para o crescimento do afroempreendedorismo negro no Brasil (FESTIVAL FEIRA PRETA, 2023; PRETAHUB 2020).

Apesar da relevância do tema, e dos avanços do afroempreendedorismo e da participação de mercado do empreendedorismo negro, o tema ainda é pouco explorado, mesmo na área de estudos sobre administração (SIMÃO, 2017). Em estudo norte-americano sobre o afroempreendedorismo, Fesselmeyer e Ying (2017) enfatizam a carência de pesquisas sobre o tema e ainda o impacto positivo de programas

específicos que visam estimular o desenvolvimento e crescimento do setor, como capacitações, acesso à crédito e outras formas de fomento.

Com base no exposto, consideramos fundamental compreender as nuances da dinâmica entre raça e práticas econômicas e sociais (DAVIES, 2009) no contexto brasileiro, em que as identidades dos empresários não estão dissociadas de questões conjunturais e históricas estabelecidas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do empreendedorismo brasileiro deve considerar as desigualdades sociais do país, historicamente construídas desde a época escravagista até a sua atual lógica de organização econômica. Muitas vezes o empreendedorismo, ou mesmo o auto emprego, é a alternativa de populações vulneráveis que não conseguem espaço no mercado formal de trabalho, na busca por sobrevivência.

De fato, o empreendedorismo, quando ligado às características individuais e de grupos, pode ser um acelerador de desenvolvimento das pessoas e instrumento de redução de desigualdades, além de ser potencializador de inovação e resiliência.

A presente reflexão dá visibilidade ao empreendedorismo negro e afroempreendedorismo já estabelecidos no cotidiano brasileiro. Evidencia-se que ainda são necessários investimentos em estudos que compreendam mais profundamente o seu impacto na redução de desigualdades, possibilitando o seu fortalecimento e alavancando o seu adequado estabelecimento entre a população negra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCASTRO, L. F. O pecado original da sociedade e da ordem jurídica brasileira. *Novos estud.* - CEBRAP, São Paulo, n. 87, p. 5-11, Julho de 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002010000200001&lng=en&nrm=iso. Acessado em 12 de outubro de 2020.

AMARTINE, D. N; QUEIROZ, M. V. L. Discutindo o afroempreendedorismo: reflexões sobre o conceito a partir dos casos brasileiro e colombiano. *Revista Direito GV*, v. 18, 2022.

BARROS, F. S. O.; FIUSA, J. L. A.; IPIRANGA, A. S. R. O empreendedorismo como estratégia emergente de gestão: histórias de sucesso. *Organ. Soc.*, Salvador, v. 12, n. 33, p. 109-128, Junho de 2005. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-92302005000200006&lng=en&nrm=iso. Acessado em 18 de setembro de 2020.

BEYDA, T. T.; CASADO, R. U. Relações de trabalho no mundo corporativo: possível antecedente do empreendedorismo? *Cad. EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, p. 1066-1084, Dezembro de 2011. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512011000400008&lng=en&nrm=iso. Acessado em 18 de setembro de 2020.

CAMPOS, A. A. A valorização do negro no Brasil e o Afroempreendedorismo. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso Administração da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Administração UFOP. Mariana, 2018. 31p.

COLBARI, A. L. Do Autoemprego ao Microempreendedorismo Individual: Desafios Conceituais e Empíricos. *RiGS. Ver Inter de Ges Soc.* Jan/ Mr 2015 v.4n.1 p.169-193

Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/10909>. Acessado em 18 de setembro de 2020.

DAVIES, F. A. Identidades de sucesso: breve reflexão sobre os empresários negros brasileiros. *Revista Plural*. v.16, n.2, pp 75–93, 2009. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/plural/article/view/74596>. Acessado em 13 de outubro de 2020.

FESSELMAYER, E., & YING, K. Neighborhood segregation and black entrepreneurship. Maio de 2017. *Economics Letters*, 154, 88–91. Disponível em:

<https://doi.org/10.1016/j.econlet.2017.02.025>. Acessado em 13 de outubro de 2020.

FESTIVAL FEIRA PRETA. Site. Disponível em: <https://festivalfeirapreta.com.br/o-festival/#historia>. Acessado em 26 de março de 2023.

GUSMÃO, N. M. M. Linguagem, Cultura e Alteridade: Imagens do Outro. Campinas: Faculdade de Educação da UNICAMP. *Revista Cadernos de Pesquisa*, nº 107, pg 41 – 78, julho de 1999.

HISRICH, R. D; PETERS, M. P; SHEPHERD, D. A. *Empreendedorismo*. ed. Porto Alegre: Bookman, 2014.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Desafios do Mercado de trabalho alimentam debate sobre direitos. Por Rodrigo Paradella, 6 de dezembro de 2018a. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/23325-desafios-do-mercado-de-trabalho-alimentam-debate-sobre-direitos>. Acessado em 25 de março de 2023.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE mostra as cores da Desigualdade. *Revista Retratos*. Por Irene Gomes e Mônica Marli. 11 de maio de

2018b. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21206-ibge-mostra-as-cores-da-desigualdade>. Acessado em 25 de março de 2023.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. PNAD Contínua: taxa de desocupação é de 13,3% e taxa de subutilização é de 29,1% no trimestre encerrado em junho de 2020. Por Cristiane Crelier, 06 de agosto de 2020. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28478-pnad-continua-taxa-de-desocupacao-e-de-13-3-e-taxa-de-subutilizacao-e-de-29-1-no-trimestre-encerrado-em-junho-de-2020>. Acessado em 20 de setembro de 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. PNAD Contínua: taxa de desocupação é de 8,4% e taxa de subutilização é de 18,7% no trimestre encerrado em janeiro. Editoria: Estatísticas Sociais, 17 de março de 2023a. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/36465-pnad-continua-taxa-de-desocupacao-e-de-8-4-e-taxa-de-subutilizacao-e-de-18-7-no-trimestre-encerrado-em-janeiro>. Acessado em 27 de março de 2023.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Projeções e estimativas da população do Brasil e das Unidades da Federação. 28 de março de 2023b. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>. Acessado em 28 de março de 2023.

IBPQ. Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade. Análise dos resultados do GEM 2017 por raça/cor Instituto Brasileiro de qualidade e produtividade. Curitiba. 2018. Disponível em <http://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2018/08/GEM-An%C3%A1lise-por-genero-2017.pdf>. Acessado 25 de março de 2023.

LEMOS, F. C. S et al. Biopolítica, gênero e organismos internacionais: mercado dos direitos das mulheres Fractal: Revista de Psicologia, v. 27, n. 3, p. 203-210, set.-dez. 2015.

NASCIMENTO, E. Q. Afroempreendedorismo como estratégia de inclusão socioeconômica. III Seminário de Ciências Sociais - PGCS UFES. Novembro de 2018, UFES, Vitória-ES. Disponível em <https://periodicos.ufes.br/scs/article/view/21718/14416>. Acessado em 10 de outubro de 2020.

PRETAHUB. Aceleradora do empreendedorismo negro no Brasil. Site. Disponível em: <https://pretahub.com/>. Acessado em 13 de outubro de 2020.

RACHLEFF, P. “Branquidade”: seu lugar na historiografia da raça e da classe nos Estados Unidos. In: WARE, Vron. Branquidade: Identidade branca e multiculturalismo. Rio de Janeiro: Garamond, (org.) 2004.

SEBRAE. Mas afinal, o que é empreendedorismo? 29 jun. 2021 Site. Disponível em: <https://www.sebrae-sc.com.br/blog/o-que-e-empreendedorismo>. Acessado em 28 de março de 2023.

SEBRAE. OS DONOS DE NEGÓCIOS NO BRASIL: ANÁLISE POR RAÇA/COR (2003-2013). Série Estudos e Pesquisas. Brasília. Maio de 2015. Disponível em: [https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/d543357867a3220db207bc7fe34afdce/\\$File/5453.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/d543357867a3220db207bc7fe34afdce/$File/5453.pdf). Acessado em 18 de setembro de 2020.

SIMÃO, J. C. N. Afroempreendedorismo: O perfil dos Afroempreendedores da Rede REAFRO Rio Grande do Sul e os impactos de pertencer a uma rede de afroempreendedores (REAFRORS). Monografia apresentada para a obtenção do grau de Bacharel em Administração. Universidade do Extremo Sul Catarinense. UNESC. Criciúma, 2017. 77p.

SOUZA, E. C. L. *et al.* Atitude empreendedora: validação de um instrumento de medida com base no modelo de resposta gradual da teoria da resposta ao item. RAM, Rev. Adm. Mackenzie, São Paulo, v. 14, n. 5, p. 230-251, Outubro de 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-69712013000500009&lng=en&nrm=iso. Acessado em 18 de setembro de 2020.

SOUZA, S. L. S. O contexto urbano e os territórios negros. In (Re)Vivências negras: entre batuques, bailados e devoções - práticas culturais e territórios negros no interior paulista (1910-1950). Ribeirão Preto: Edição do Autor, 2007.

WARE SOVIK, L. Aqui ninguém é branco: Hegemonia branca e mídia no Brasil. In: Branquidade: Identidade Branca e Multiculturalismo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

ZEN, A. C. ; FRACASSO, E. M. Quem é o empreendedor? As implicações de três revoluções tecnológicas na construção do termo empreendedor. RAM, Rev. Adm. Mackenzie (Online), São Paulo, v. 9, n. 8, p. 135-150, Dec. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-69712008000800008&lng=en&nrm=iso. Acessado em 18 de setembro de 2020.